

Cantolenda Maubere
Hananuknanoik
Maubere

**The legends
of the Mauberes**

Fernando Sylvan

Pinturas e desenhos de António P. Domingues

TIMOR



FUNDAÇÃO ASTRONÉSIA BORJA DA COSTA

Obras de Fernando Sylvan

POESIA

- Os Poemas de Fernando Sylvan (capa de Neves e Sousa). Porto, 45
7 Poemas de Timor (com vinheta de Azinhal Abelho e um desenho de João-Paulo na 1.ª edição). Lisboa, 65. 2.ª edição, pirata. Lisboa, 75
Mensagem do Terceiro Mundo (poema e traduções de Barry Lane Bianchi, Serge Farkas, Inácia Fiorillo e Marie-Louise Forsberg-Barrett para inglês, francês, italiano e sueco). Lisboa, 72
Tempo Teimoso (capa da 1.ª edição de Cipriano Dourado). Lisboa, 74. 2.ª edição. Lisboa, 78
Meninas e Meninos. Lisboa, 79
Cantogrito Maubere – 7 Novos Poemas de Timor-Leste (carta-prefácio de Maria Lamas, nota de Tina Sequeira, capa de Luís Rodrigues). Lisboa, 81
Mulher ou o Livro do teu Nome (com 21 desenhos de Luís Rodrigues, prefácio de Tina Sequeira). Lisboa, 82

PARTE DE LIVRO:

- Enterrem Meu Coração no Ramelau (recolha de textos de Amável Fernandes, desenhos de José Zan Andrade e capa de António P. Domingues e Fortunato). Luanda, 82

ENSAIO

LIVROS:

- Comunidade Pluri-Racial. Lisboa, 62
Filosofia e Política no Destino de Portugal. Lisboa, 63
A Universidade no Ultramar Português. Lisboa, 63
O Racismo da Europa e a Paz no Mundo. Lisboa, 64
Perspectiva de Nação Portuguesa. Lisboa, 65
A Língua Portuguesa no Futuro da África. Braga, 66
Comunismo e Conceito de Nação em África. Lisboa, 69

SEPARATAS:

- Da Pedagogia Portuguesa e do Desvalor dos Exames. Lisboa, 59
Relação dos Idiomas Basco e Português. Lisboa, 59
Arte de Amar Portugal. Lisboa, 60
A Língua e a Filosofia na Estrutura da Comunidade. Lisboa, 62
O Espaço Cultural Luso-Brasileiro. 2.ª edição. Lisboa, 63
Obscina Narodov Timora. Moscovo, 64
Como Vive, Morre e Ressuscita o Povo Timor. Lisboa, 65
Função Teleológica da Língua Portuguesa. Coimbra, 66
Aspects of the Folk-stories in Portuguese East Africa. Atenas, 65
A Verdadeira Dimensão do Verdadeiro Homem. Braga, 69
A Instrução de Base no Ultramar. Lisboa, 73
Língua Portuguesa e seu ponto de angústia hoje. Lisboa, 78

PARTES DE LIVROS:

- O Ideal Português no Mundo. Lisboa, 62
Perspectivas de Portugal. Lisboa, 64

TEATRO

- Duas Leis, peça em 3 actos, escrita em 49 e representada em 57
Culpados, peça em 2 actos, escrita em 57

BIOGRAFIAS

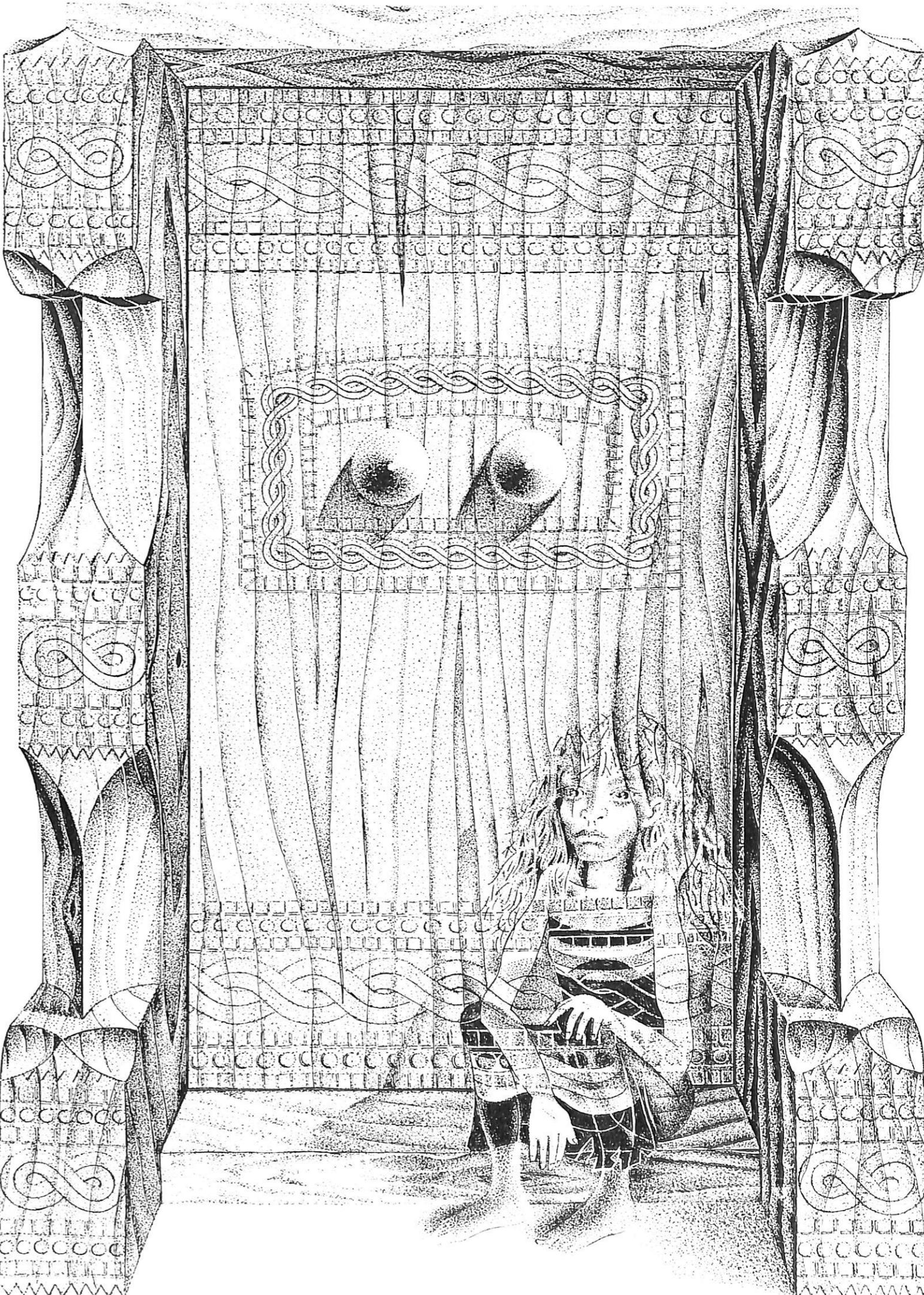
- Recordações de Infâncias (colaboração de Tina Sequeira). Lisboa, 80

BANDA DESENHADA

- O Ciclo da Água (BD de Luís Rodrigues). Lisboa, 87

OUTROS

- Cantolenda Maubere/Hananuknanoik Maubere/The Legends of the Mauberes (com 7 pinturas e 2 desenhos de António P. Domingues). Lisboa, 88



Apresentação

Apresentar «Cantolenda Maubere» é endereçar um convite para uma viagem à descoberta ou redescoberta de Timor, visto através do imaginário do seu Povo.

Nesta viagem, seremos amorosamente guiados pelos textos de Fernando Sylvan, convidados a assistir ao espectáculo de cor e movimento e a participar da magia da pintura de António P. Domingues.

A abrir esta obra, e cremos que da melhor forma, surge a lenda do Crocodilo, decerto a mais conhecida lenda timorense, mas que pela sua enorme beleza e profundo significado não poderia deixar de figurar numa publicação desta natureza. Para lá do seu elevado valor simbólico, ela é bem ilustrativa da perfeita simbiose entre o imaginário e a realidade que, ao longo dos séculos, tem marcado o dia-a-dia do povo maubere.

Depois, nesta sua primorosa recriação, Fernando Sylvan leva-nos a entrever a harmonia do Paraíso, para logo de seguida acompanharmos a corrida do primeiro cavalo por terras timorense.

Mais adiante é a passagem pelo planalto de Tchiáru para ouvir o elogio da Paz feito por um rei bom e poderoso que quis perpetuar, para além da morte, o seu desejo de concórdia entre os homens.

E continuamos pela planície de Quirás e a história de amor a Beileira — o gigante de Manufahi. Vamos depois ouvir o «Cântico ao guerreiro caído» e conhecer o ritual que se seguia às batalhas.

E terminamos, percorrendo as florestas timorense, verdadeiros santuários onde o hino à liberdade continua a fazer-se ouvir.

Este pequeno percurso foi apenas o início da viagem, já que a riqueza da tradição lendária e contista timorense nos permite afirmar que esta é uma viagem infinidável, sempre com renovados interesses e encantos.

Uma referência ainda para a edição trilingue que contempla os leitores das línguas portuguesa, inglesa e tétum — língua nacional de Timor Leste que continua a ser o veículo privilegiado de comunicação da comunidade timorense na diáspora.

Cabe aqui uma nota especial para o trabalho diligente e aturado de Luís da Costa, um cultor da língua tétum, que afanosamente se lançou à tarefa de tradução para a língua nacional timorense.

Finalmente, os agradecimentos da Fundação Austronésia Borja da Costa a todos os amigos que tornaram possível este trabalho. Um destaque especial para a organização sueca «SIDA-Swedish International Development Authority» — organização de apoio ao desenvolvimento dos povos do Terceiro Mundo — que desde a primeira hora acreditou em nós, e subsidiou integralmente esta edição.

Lisboa e FABC, 18 de Junho de 1988

Guilhermina Araújo
Directora do Departamento de Projectos

Hatadan

Fo tada «Hananuknanoik Maubere», katak lori imi la'o lemo rai Timor, hodi hanoin moris tuir otak maubere.

Iha dalan nee, sei tuir Fernando Sylvan nia liafuan, hodi haninu buat hotu nebé nadulas ita, haninu mós taturi nain António P. Domingues liman badain.

Atu hahu surat nee, ami hanoin nee hae be diak liu, hahu ho ai knanoik kona ba Lafaek, knanoik nebé maubere hotu hatene, maibé tan nia knook, tan diak nebé hanorin, ami lakohi haluha iha surat nee. Tuir knanoik nee, ita bele haré maubere nia hahalok, nia otak sudi malu ho buat hotu nebé nadulas maubere nia moris.

Tuir mai, Fernando Sylvan lori ita ba too ksolok rai lalehan, hodi, iha nebá, ita bele haré kuda ida uluk nalai, iha rai Timor.

Liu hosi fohotetuk Tchiaru, ita rona Damen ksolok nebé liurai diak no barani nari, atu ema bele hanoin nafatin nia.

Too iha Kirás tetuk, ita hetan ai knanoik nebé haktuir nia domin ba Beileira — Rainain Manufahi.

Afoin, ita rona «knananuk ba fununain mate», hodi hatene ukur nebé ema halo uain'ira funu hotu ona.

Molok atu hotu, ita lauk lemo ailaran tuan, fatin lulik ba timor oan, iha nebá bele rona nafatin knananuk kona ba kore-an.

Ami foin hahu tau-an ba knar ida, nebé hakarak fo hatene maubere nia knananuk eh ai knanoik. Dalan sei naruk, maibé ami fiar katak sei fo ksolok.

Ami hakarak dehan mós katak surat nee mosu mai ho lia tolu — portugues no ingles, hodi la haluha lia tetun. Nunee, timor oan, namkari lemo rai solen, keta haluha hateten nia lia tetun.

Ami lakohi haluha mós Luis da Costa nia badinas, hodi, fo laran, hakerek knanoik hirak nee ba lia tetun.

Ikus mai, Fundação Austronésia Borja da Costa nakarak hauelok belun hotu nebé tulun ami ba surat nee. Ami hauelok liu belun hosi klibur rai Suecia, naran «SIDA-Swedish International Development Authority». Klibur nee buka tulun rai ladauk buras, rai nebé halia Terceiro Mundo. Klibur nee natene tiha ami nia hakarak, loke liman hodi tahan tusan hotu.

Lisboa no FABC, 18.Junho.1988

Guilhermina Araújo
Ulun Departamento Projecto siran

Introduction

To introduce the «Legends of the Mauberes» is to extend an invitation for a voyage of discovery, or rediscovery, of Timor as seen through the imagination of its people.

We shall not only be guided on our journey by the gentle words of Fernando Sylvan, but also invited to watch the display of colour and movement and to share the magic which is the painting of António P. Domingues.

It seemed appropriate to open the book with the legend of the Crocodile, which besides being undoubtedly the best known of all the Timorese legends, could not, by its extraordinary beauty and depth of meaning, be omitted from a collection of this kind. And apart from its great symbolic importance, it is also an excellent example of the perfect symbiosis between imagination and reality which has, throughout the centuries, been characteristic of the everyday life of the Maubere people.

Next in this fine re-creation, Fernando Sylvan gives us a glimpse of the harmony of Paradise, before taking us on to watch the first horse-race on Timorese soil.

Further on we travel to the Tchiáru Plateau, to hear the eulogy of Peace pronounced by a good and powerful king who was anxious to immortalize his plea for harmony among men.

We then proceed to the Quirás Plain and the love-story to Beileira — the giant of Manufahi — and from there to the «Song of the Fallen Warrior», where we learn of the rituals that followed battle.

And our journey ends with a walk through the forests of Timor, veritable sanctuaries where the Song of Freedom can still be heard.

All this has in fact been but the first stage in our journey, a foretaste of the wealth of a Timorese legendary and story-telling tradition which promises a never-ending journey filled with fresh interest and delight.

We should like to add that the trilingual edition of the Legends aims to cater for Portuguese and English readers without of course forgetting Tétum — the national language of East Timor — which for the vast majority of the Timorese community is still the main vehicle of communication.

It is appropriate at this juncture to make special mention of the studious and untiring work of Luís da Costa; a scholar of the Tétum language, who applied himself with such dedication to the translation of the book into the national language of Timor.

Finally, the Fundação Austrónésia Borja da Costa would like to thank all their friends who made this project possible, in particular the Swedish organization «SIDA-Swedish International Development Authority» — an organization concerned with the development of the peoples of the Third World — who from the very beginning believed in us and fully subsidised this edition.

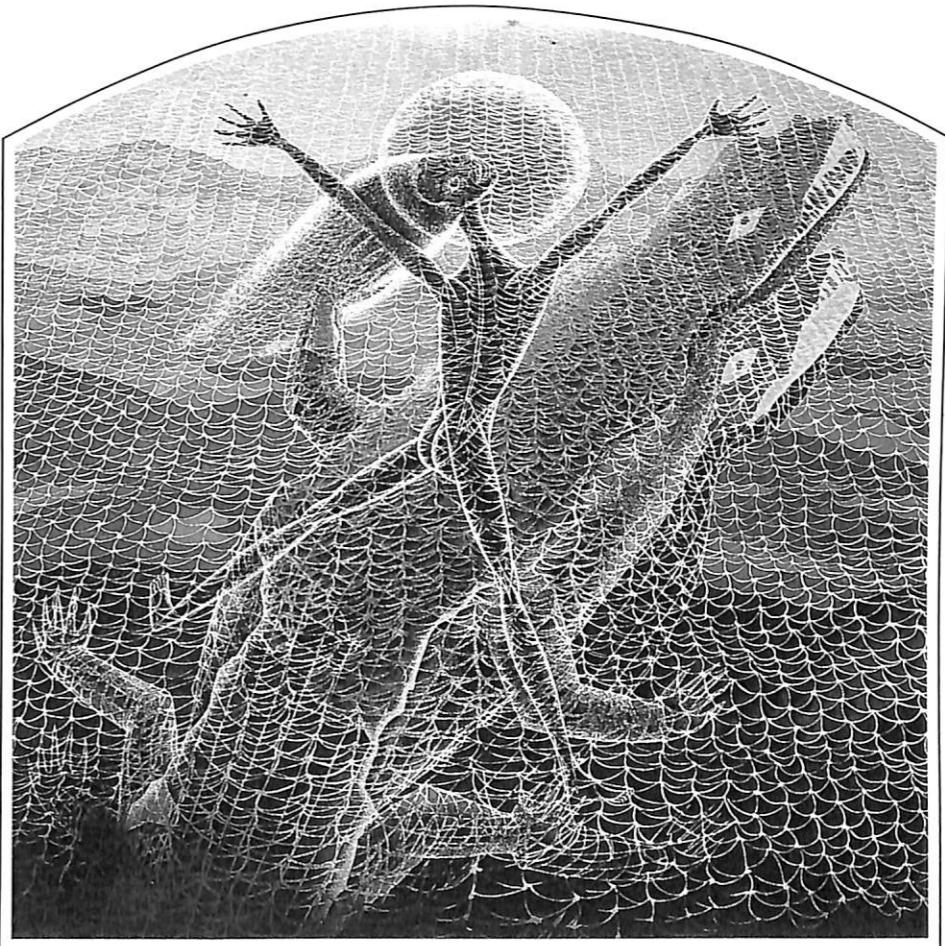
Lisbon and FABC, 18th June 1988

Guilhermina Araújo
Director of Projects Department

**Cantolenda Maubere
Hananuknanoik
Maubere
The legends
of the Mauberes
Fernando Sylvan**

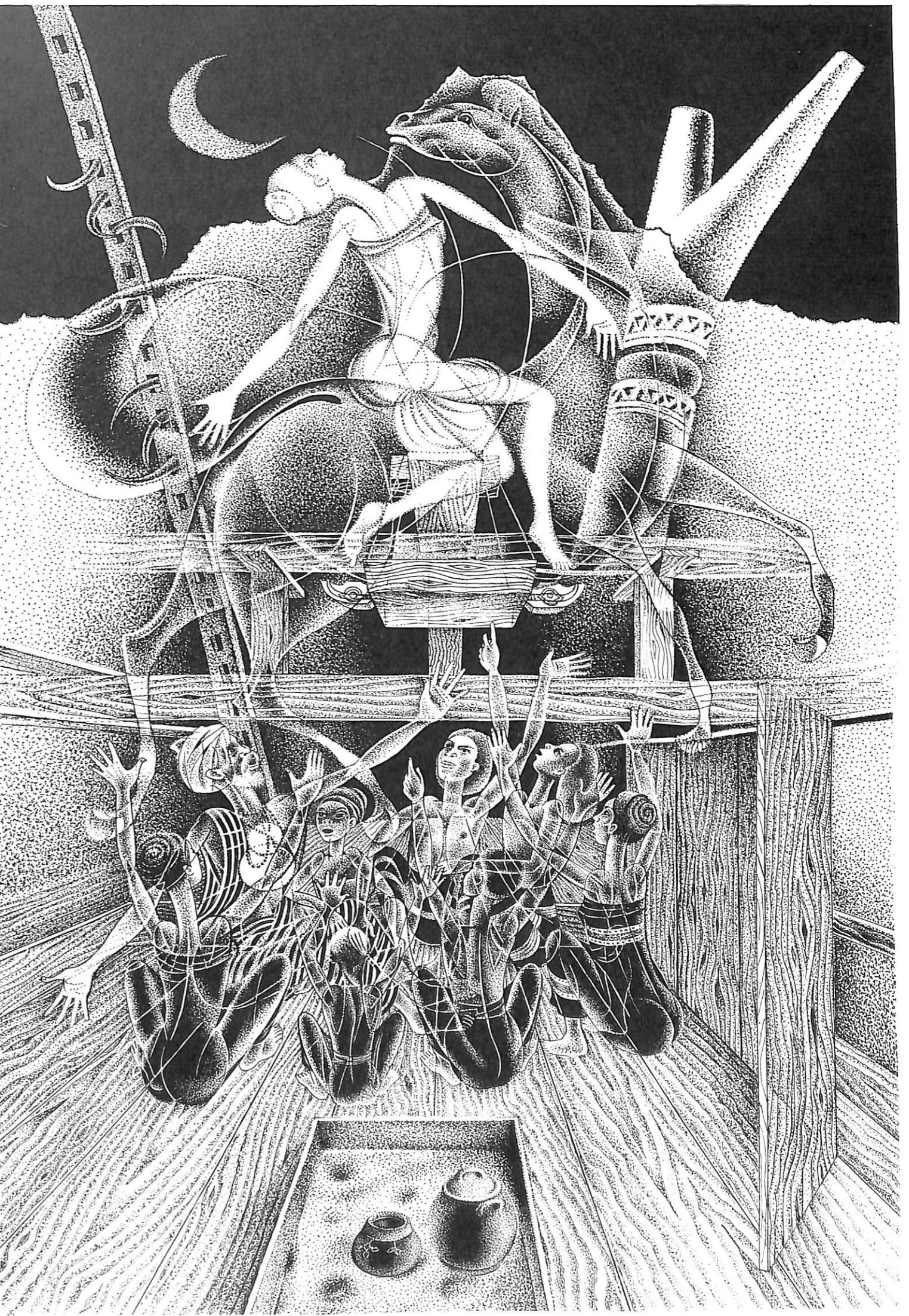
Pinturas e desenhos de António P. Domingues

TIMOR



FUNDAÇÃO ASTRONÉSIA BORJA DA COSTA

LISBOA 1988



O crocodilo que se fez Timor

Disseram, e eu ouvi, que desde há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. Este crocodilo sonhava crescer, ter mesmo um tamanho descomunal. Mas a verdade é que ele não só era pequeno, como vivia num espaço apertado. Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho dele era grande.

O pântano, é de ver, é o pior sítio para morar. Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas. Ainda por cima, sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.

Por tudo isto, o crocodilo estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.

Ao longo do tempo, milhares de anos, parece, o que ia valendo ao crocodilo era o ele ser grande conversador. Enquanto estava acordado, conversava, conversava... É que este crocodilo fazia perguntas a si mesmo e, depois, como se ele próprio fosse outro, respondia-se-lhe.

De qualquer maneira, conversar assim, isoladamente, durante séculos, gastava os assuntos. Por outro lado, o crocodilo começava já a passar fome. Por dois

motivos: primeiro, porque havia naquele charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só muito ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães...

Muitas vezes, exclamava para si próprio:

— Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes!

— Tem paciência, tem paciência... — dizia a si próprio.

— Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo — recalcitrava-se-lhe.

Naturalmente que tudo tem um limite. Incluindo a resistência à fome. E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava. Os seus olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.

— Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além...

Esforçou-se, galgou a margem e foi ganhando caminho através do lodo e, depois, da areia. O sol estava a pino, aquecia a areia, transformava todo o chão em



brasas. Não havia safá, o crocodilo perdia o resto das suas forças e ia ficar, ali, assado.

Foi nesta altura que passou pelo sítio um rapazinho vivaz que exprimia os seus pensamentos cantarolando.

— Que tens, Crocodilo, ah!, como tu estás?! Tens as pernas partidas, caíu-te alguma coisa em cima?

— Não, não parti nada, estou completamente inteiro, mas, apesar de ser pequeno de corpo, há muito não aguento com o meu próprio peso. Imagina que nem forças tenho já para sair deste braseiro.

Respondeu o rapazinho:

— Se é só por isso, posso ajudar-te — e, logo de seguida, deu uns passos, carregou o crocodilo e foi pô-lo à beira do pântano.

No que o rapazinho não reparava, era que, enquanto carregava o crocodilo, ele se animava ao ponto de arregalar os olhos, abrir a boca e passar a língua pela serra dos seus dentes.

— Este Rapazinho deve ser mais saboroso do que tudo o que provei e vi em toda a minha vida — e imagi-

nava-se a dar-lhe uma chicotada com a cauda para adormecê-lo e, depois, devorá-lo.

— Não sejas ingrato — diz-lhe o outro com quem ele conversava e era ele mesmo.

— A fome tem os seus direitos.

— Isso, é verdade, mas olha que traír um amigo é um acto indigno. E, este, é o primeiro amigo que tens.

— Então, vou deixar-me ficar na mesma, e morrer à fome?

— O rapazinho fez-te o que era preciso, salvou-te. Agora, se quiseres sobreviver, trabalha e procura alimento.

— Isso é verdade...

E quando o rapazinho o poisou no chão molhado, o crocodilo sorriu, dançou com os olhos, sacudiu a cauda, e disse-lhe:

— Obrigado. És o primeiro amigo que encontro. Olha, não posso dar-te nada, mas se pouco mais conheces do que este charco, aqui, tão à nossa vista, e se um dia quiseres passear por aí fora, atravessar o mar, vem ter comigo...

— Gostava mesmo, porque o meu sonho grande é ver o que mais há por esse mar fora.

— Sonho... falaste em sonho? Sabes, eu também sonho... — arrematou o crocodilo.

Separaram-se, sem que o rapazinho sequer suspeitasse de que o crocodilo chegara a estar tentado a comê-lo. E ainda bem.

Passados tempos, o rapazinho apareceu ao crocodilo. Já quase o não reconhecia. Via-o sem sinais das queimaduras, gordo, bem comido...

— Ouve, Crocodilo, o meu sonho não parou, e eu não o aguento mais cá dentro.

— O prometido é prometido... Aquele meu sonho... Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia dele. Fizeste bem em vir lembrar-mo, Rapazinho. Queres, agora mesmo, ir por esse mar fora?

— Isso, só isso, Crocodilo.

— Pois eu, agora, também. Vamos então.

Ficaram ambos contentes com o acordo. O rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar.

Lafaek nakfilak Rai Timor

Era tudo tão grande e tão lindo!

O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim. Dia e noite, noite e dia, nunca pararam. Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam. E as nuvens também. Não sabiam se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas. Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.

— Ouve-me, Rapazinho, não posso mais! O meu sonho acabou...

— O meu não vai acabar.

Ainda o rapazinho não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou, aumentou de tamanho, mas sem nunca perder a sua forma primitiva, e transformou-se numa ilha carregada de montes, de florestas e de rios.

É por isso que Timor tem a forma do crocodilo.

Ema haktuir, ba'u mós rona, hori uluk liu, lafaek ida moris iha kolan. Lafaek nee mehi hakarak boot, boot tebes.

Maibé lafaek nee isin kiik, nia knuan mós kiik. Fatin nee kiik tebes, maibé nia mehi boot.

Kolan, nuudar hatene, fatin ida aat, aat ba moris. Uematen, la klean, dois, bunuk oi-oin nadulas, aihan la ua'en ba lafaek. Tan buat hirak nee, lafaek laran moras atu moris iha kolan, maibé la netan knuan seluk.

Hori uluk, hori uain, lafaek nia bahalok hae naman nia moris, tan nia ibuuek. Uain'bira nader, lafaek koalia, koalia... Laku lia ba as, nia rasik natan, nuudar nateten ho ema seluk.

Maibé koalia nunee, koalia mesa-mesak, iha uai uain, lia mós mohu. Nunee lafaek namlaha. Namlaha tan iha kolan nee, ikan mós mukit, balada oan seluk la iha; namlaha tan tuir nia dalan, la netan bibi oan eh fahi oan rumo, asu mós la iha.

Dala uain nakbadan ba an rasik:

— Susar tebes moris kiak iha fatin nunee!

— Husik-ba, husik-ba — haneon ba an.
— Maibé moris deit ho husik-ba la nahen lafaek
— hakmalar ba nia.

Buat hotu iha rohan. Nuu biit atu tahan hamlaha.
Kosar metan suli, lafaek neon lakon, hodi haneon
katak sei mate duni. Nia matan morek dadaun, foti
ulun labele, hasan tós dadaun.

— Ha' u sei kusik fatin nee, hodi ba solo sasan
ruma.

Lafaek liu hosi ue ninin, too ba ue hasan, maibé
ue ibun mesa rai benek. Loro as ona, rai benek manas
dadaun, rai manas la diak. Neon sala boot, nia biit
lakon ona, hanoin atu mate deit. Maibé, lauarik oan
ida la'o halimar, nalimar hananu tuir nia dalan.

— Oi Lafaek, nuu sâ, susar eh! O ain tohar, eh
buat ruma monu ba leten?

La'e, la tohar buat ida, ha' u isin tomak hela. Ha' u
isin bele kiik, nuu ó maré, maibé la tahan ha' u isin
kolek.

La iha ona biit atu kusik kles manas nee.

Lauarik natan:

— Tan nee deit sa, ha' u bele tulun ó. Lauarik
nakat uit-oan, lori hikas lafaek ba ue inan.

Molok lauarik lori lafaek ba ue, lafaek netan hikas
biit, loke matan, loke ibun, babelo dadaun nia nehan
kroat.

— Lauarik oan nee midar liu buat hotu, nebé
ha' u ketan ona iha ha' u moris laran; lafaek nee nanoin
baku ho ikun hodi sobak lauarik.

— Keta laran aat — dehan ida seluk nebé nateten
bo nia, nia an rasik.

— Ita bele hamlaha, maibé labele han naran deit.

— Lós duni, maibé halakon belun ida, aat liu.
Ó foin metan lauarik nee ba ó belun.

— Ha' u sei kela nunee too mate hamlaha deit?

— Lauarik oan nalo buat hotu atu soi ó. Oras nee,
tan makarak moris, kaer ó knar, buka aihan.

— Nee lós duni...

Uain'hira lauarik oan lou'u nia ba rai bokon,
lafaek namnasa, matan nabilan, leok ikun, nakmalar:

— Rabun diak. Ó belun uluk, belun diak nebé
ha' u ketan. Ha' u la iha buat ida atu selu ó. Ó matene

deit kolan ida nee karik, uain ruma makarak haré kolan seluk, eh makarak halimar, halimar ba tasi sorin, mai buka ha'u.

— Ha'u kakarak duni, tan ha'u mehi la'o lemo rai, too tasi sorin.

— Ó mehi, ó matene mehi?... nakbadan lafaek.

Fabe tiha malu, maibé lauarik la neon tuir katak lafaek nakarak han nia. Nunee diak liu.

Liu tiha loron ruma, lauarik buka lafaek. Lauarik naré lafaek ilas seluk ona. Lafaek isin la iha ona loro ten, isin bokur, kabun bosu...

— Lafaek, rona mai; ha'u nia mehi ladauk lakon, lakohi hein tan.

— Buat nebé ha'u dehan, ha'u sei kalo tuir... ha'u mehi nee... Ha'u soro ba mai, soro ba mai, besik atu kaluha. Ó malo diak lauarik, hodi mai haneon. Ó makarak, ohin duni, ita la'o tesik tasi laran.

— Nee, nee deit, Lafaek.

— Lós duni, ba ha'u nee deit.

— Ita la'o.

Sira raksolok ho neon ida deit. Lauarik tur iha

lafaek kotuk, hanesan kora oan ida, sira tesik ba tasi laran.

Buat hotu boot, kmook tebes! Siruas neon rakfodak haré mundu, buat hotu boot iha sira oin, boot hun la iha. Loron kalan eh kalan loron, sira la tur. Sira rare, rai oan oi-oin, ai no fobo laku-an ba sira. Kalohan móos nunee. Sira la ratene lós sa hae diak liu, loron eh kalan, rai oan eh fitun. Sira la'o, hean nafatin, hodi oin ba loro, too lafaek kole deit.

— Lauarik, rona mai, ha'u labele ona. Ha'u nia mehi kotu ba nee.

— Ha'u nian ladauk kotu.

Lauarik ladauk nusik lafaek ikun, lafaek boot, boot dadaun. La lakon lolon uluk, filak-an ba rai hodi mosu fobo, ailaran no mota.

Tan nee, Rai Timor hanesan lafaek ida.

The crocodile that became Timor

I heard it said that there was once a crocodile who had lived for many hundreds of years in a swamp and whose great dream was to grow and reach a phenomenal size. But not only was he a small crocodile, he also lived in a very confined space. Only his dream was large.

A swamp, of course, is the worst possible place to live. Shallow, stagnant water, hemmed in by strange, ill-defined banks, and above all lacking in food to tempt a crocodile.

For all these reasons, the crocodile was sick and tired of the swamp. But he had nowhere else to live.

Over the years — thousands of years it would seem — it was the crocodile's love of talking that kept him going. Whenever he was awake, he would talk and talk... he would ask himself questions and then, as if he were somebody else, would answer them.

Even so, when you talk to yourself like this for centuries, you begin to run out of topics of conversation. Not only this, but the crocodile was also getting hungry, first because there weren't enough fish or other creatures in the swamp to provide him with suitable

meals, and second because although there were tasty, tender animals to be caught, like goats, piglets and dogs, they all lived a long way off.

«I'm sick of living on so little, in a place like this!», he would exclaim in exasperation.

«Be patient, be patient...», replied his imaginary companion.

«But a crocodile can't live on patience!», he would grumble.

There is of course a limit to everything, including resistance to hunger. The crocodile's body grew weak and his spirits sank. His eyes became dull and he could hardly lift his head or open his mouth.

«I must get out of here and look for food further afield...»

With an effort he climbed the bank and made his way first through the mud and then across the sand. The sun was high in the sky, scorching the ground. There was no refuge anywhere. The crocodile became weaker and weaker until he remained where he was, roasting alive.

At that moment a lively young lad happened to pass by, humming to himself.

«What's the matter, Crocodile? You're in a bad way! Have you broken your legs? Did something fall on you?»

«No, I haven't broken anything. I'm all in one piece. It's just that although I'm small, I can't carry my own body any more. I'm too weak even to find a way out of this sweltering heat.»

The lad replied: «If that's all it is, I can help you.» And with that he went up to the crocodile, picked him up and carried him to the edge of the swamp.

What the lad failed to notice as he carried him, however, was that the crocodile had perked up considerably: his eyes brightened and he opened his mouth and ran his tongue round his saw-like teeth.

«This lad must be tastier than anything I've ever eaten,» thought the crocodile, and imagined stunning the lad with a lash from his tail and then gobbling him up.

«Dont' be so ungrateful,» replied the other voice inside himself.

«But the need justifies the end.»

«That may be, but remember it is also shameful to betray a friend. And this is the first friend you've ever had.»

«So you expect me to do nothing and starve to death?»

«The lad rescued you when you needed him. Now, if you want to survive, it's up to you to look for food.»

«That's true...»

So when the lad placed him on the wet ground, the crocodile smiled, rolled his eyes, shook his tail and said:

«Thank you. You're the first friend I've ever had. I can't give you anything in return, but if you never been further than this swamp we see all around us, and would like one day to travel abroad, to cross the sea, come and see me...»

«I'd like that very much, because it's my dream to see what lies out there across the sea.»

«Dream? Did you say dream? I too have a dream,» replied the crocodile.

They went their separate ways, the lad little suspecting that the crocodile had been tempted to eat him. Which was just as well.

Time passed, and one day the lad returned. He hardly recognized the crocodile: his burns had disappeared and he looked plump and well fed.

«Listen, Crocodile, my dream hasn't gone away. I can't stand it any more.»

«A promise is a promise. I've been finding so much food that I'd almost forgotten my dream. You did well to come and remind me of it, Lad. Do you want to set off right now, across the sea?»

«That's the only thing I want, Crocodile.»

«Then me too. So let's be off.»

They were both delighted with the arrangement. The lad settled himself on the crocodile's back, as if in a canoe, and they set off out to sea.

It was all so big and so beautiful! What astonished them most was the open space, the size of the vista that stretched away before and above them, endlessly. Day and night, night and day, they never rested. They saw

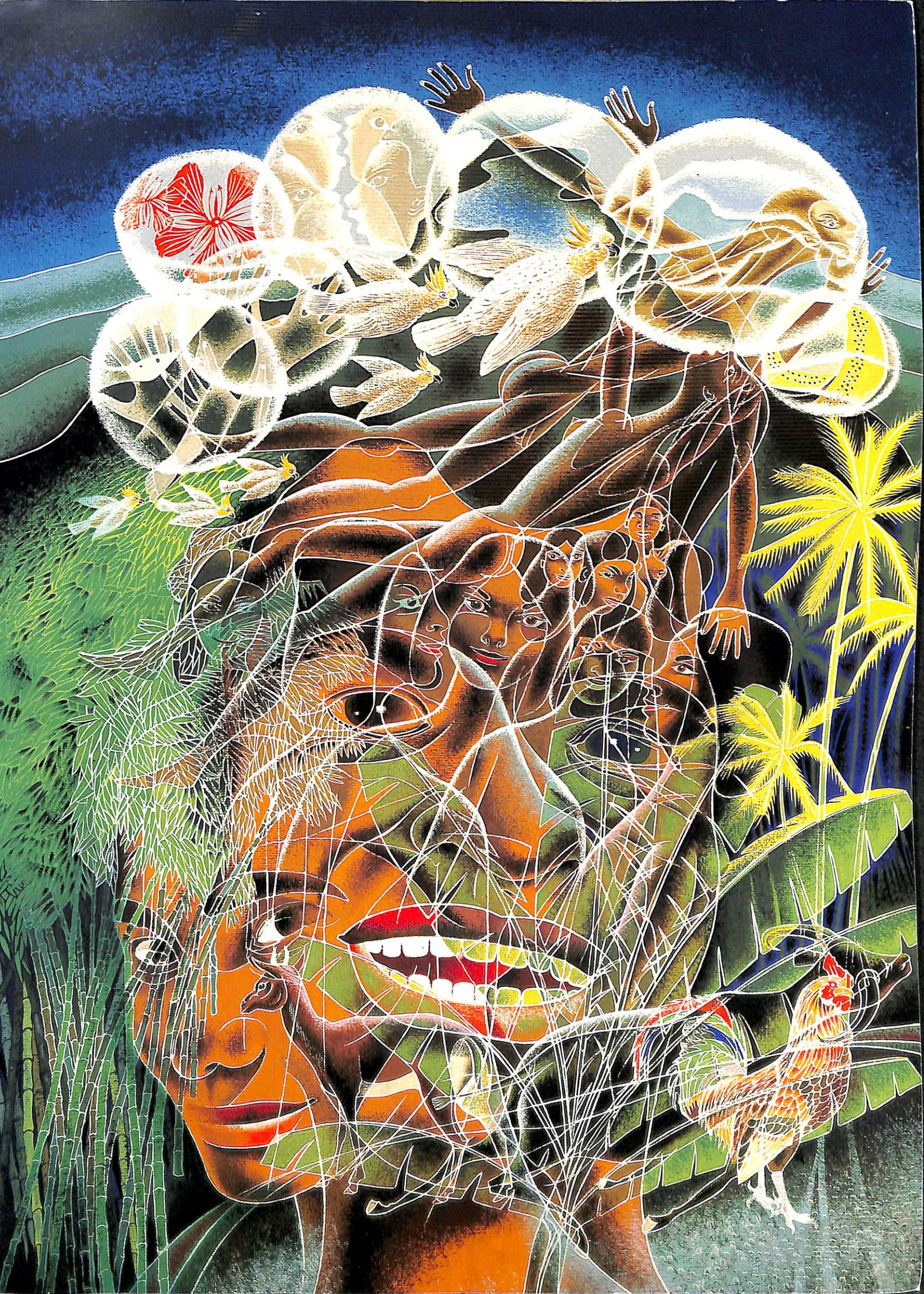
islands big and small, with trees and mountains and clouds. They could not say which was more beautiful, the days or the nights, the islands or the stars. They went on and on, always following the sun, until the crocodile finally grew tired.

«Listen, Lad. I can't go on. My dream is over.»

«Mine will never be over...»

The lad was still speaking when the crocodile suddenly grew and grew in size until, still keeping his original shape, he turned into an island covered with hills, woods and rivers.

And that is why Timor is the shape of a crocodile.



A saída do paraíso

No princípio do mundo, nada nascia. Mas existiam pessoas, montanhas, árvores, animais, rios, mares, tudo. Frutos e sementes de todas as espécies. Nada nascia nem desaparecia. Não caía uma folha, não se abria um fruto, não nascia uma criança.

Nem as pessoas, vendo-se umas às outras, procuravam saber para o que existiam. Não pensavam, e se elas não pensavam também não falavam.

Diz-se que as terras de Lautém apareceram prontas com todas as coisas que o mundo ainda hoje tem. O princípio das pessoas, dos animais, das plantas e das coisas foi o aparecerem prontas. Lautém foi assim, apareceu cheinho daquilo que precisa de existir: pessoas, animais, cavernas, plantas, montanhas e águas, e ar e luz. Lautém fica na ilha de Timor, na ponta voltada para onde o sol nasce.

Pois, no princípio de tudo, o que é que acontecia em Lautém? Nada, absolutamente nada. Tudo existia, mesmo as pessoas. As pessoas eram já crescidas e nunca tinham sido crianças. Nem iam envelhecer. Estavam vivas, mas não viviam. Então, Lautém era um sítio sem

crianças, mas também é verdade que uma terra sem pessoas velhas. Não se sabia o que era nascer. Pessoas, animais, plantas, nada propriamente tinha nascido. Existiam.

As pessoas não sabiam que relação tinham umas com as outras nem quem eram, nem para o que servia tudo o que as rodeava. Nem se era bom ou não o estar assim num tempo parado. Não estavam a dormir, mas também não estavam acordadas. Porque o não sabiam.

Mas a lua passava e continuava a passar lá longe, por cima de Lautém. Passou, passou, até que as pessoas sentiram e perceberam que a lua dizia coisas e fazia sinais que nunca eram os mesmos.

— O que é aquilo?

— O que é aquilo?

Foi a primeira frase que disseram, a primeira pergunta que puderam fazer. Todas as pessoas a fizeram. Começaram, então, a ser capazes de perguntar e de responder. Perceberam que a lua, de cada vez que passava, era diferente. Umas vezes, mostrava caras; outras, lagos, montanhas, flores, mãos, frutos, gestos. E come-

çaram a copiar e a imaginar e a aproveitar tudo o que as rodeava e comeram frutos e serviam-nos umas às outras. Com isso, nasceu o tempo e a vida e entenderam o movimento.

Saíam do paraíso.

As pessoas já envelheciam, e, por outro lado, nasciam crianças. As mulheres e os homens notaram as suas diferenças e souberam que isso era bom.

Nascia o amor. E riam.

Husik rai lalehan

Hori uluk buat ida la moris. Maibé ema iha ona, iha mó̄s foho, ai, balada, mota, tasi, buat hotu. Iha ai, aifuan oi-oin. Buat ida la moris, la lakon. Ai tahan la monu, aifuan la nakloke, kosok oan la moris.

Ema raré malu, maibé la ratene tan sa moris. Sira la ranoin, tan la ranoin la koalia ba malu.

Ema raktuir katak iha rai Lautém buat hot-hotu mosu nanis hanesan ohin loron. Hori uluk, ema mosu nanis kedes, balada oan, ai no aifuan. Lautém mó̄s hanesan nee, mosu mai ho buat nebé iha loron ohin: ema, balada, fatukuak, ai, foho, ue, anin, abi. Lautém helia iha rai Timor, iha rohan Loro sa'e.

Hori uluk liu, sa nee nalo iha Lautém? La'e, la iha liu. Buat hotu iha, ema mó̄s hanesan. Ema hotu mai boot kedes, la ratene lauarik, la katuas... Ema iha is, maibé la moris. Iha Lautém la iha lauarik, maibé katuas mó̄s la iha rai nee. La ratene sa nee moris. Ema, balada, ai, buat ida la moris. Iha nanis.

Ema la ratene hadame malu, la rakanar buat nebé iha sorin. La ratene diak eh aat helia metin, iha fatin ida. La toba, maibé la rader. Tan sira la ratene.

*Maibé fulan liu, liu hosi dok, hosi Lautém leten.
Fulan liu, liu, ema raré, ema ratene katak fulan dehan
lia ruma, laku lian oi-oin ba ema sira nee.*

— Sa nee?

— Sa nee?

*Nee liafuan uluk sira dehan, liafuan nebé sira ralo.
Ema hotu rateten dadaun. Nunee, sira rahu koalia, ra-
hu husu lia ba malu. Ema ratene katak uain' hira fulan
liu, dehan lia oin seluk. Dala ruma natudu ema oin,
dala seluk natudu kolan, foho, aifuan, liman, aifunan.
Nunee, sira ralotuir, ranoin baknar buat hadulas sira,
han aifuan, lok malu. Nunee, moris no loron mosu,
ema mós ratene lala'ok moris.*

Sira rusik rai lalehan.

*Ema rahu kbaben, kosok oan moris. Feto no mane
raninu katak sira la hanesan, ratene katak nee diak.*

Rahu hadomi malu. Ramnasa hauelok.

The way out of paradise

When the world began, nothing was born. But there were people, mountains, trees, rivers, seas — everything. Fruit and seeds of every kind. Nothing was born and nothing died. No leaves fell, no fruit ripened, no children were born.

The people looked at one another without even wondering why they existed. They did not think, and because they did not think, they did not speak.

They say that when the lands of Lautém appeared, everything we know in the world today was already there. From the very beginning people, animals, plants and objects, all were fully formed. Thus Lautém had everything it needed to survive: people, animals, caves, plants, mountains, water, air and light. Lautém lies on the island of Timor, at the end which faces the rising sun.

So, in the beginning, what happened in Lautém? Nothing, absolutely nothing. Everything was there, even people. The people were already grown up and had never been children. Nor would they grow old. They were alive but they did not live. Lautém was a place

without children and without old people. Birth was unknown. Neither people, animals nor plants had actually been born. They just existed.

The people had no idea what their relationship was to one another, who they were or what the things around them were for. They had no notion of whether it was good or bad to exist like this in a timeless world. They were not asleep, but neither were they awake. They just did not know.

But the moon rode high in the sky above Lautém. It went on passing by, passing by, until the people came to feel and understand that it was telling them things and making signs that were never twice the same.

«What's that?»

«What's that?»

This was the first sentence they spoke and the first question they asked. Everybody asked the same thing. And so they learned to ask questions and to answer them. They realized that the moon was different each time it passed. Sometimes it showed them faces, others

there were lakes, mountains, flowers, hands, fruits, gestures. And they began to copy and imagine and make use of the things around them. They ate fruits and served them to each other. In this way time and life were born and the people became aware of movement.

They were coming out of Paradise.

The people began to grow old, but at the same time babies were born. The men and women saw that they were different from each other and they liked what they saw. Love was born and there was laughter.

Love was born and there was laughter.

A corrida do primeiro cavalo

Num certo momento, apareceu um cavalo nas terras dos mauberes. Foi o primeiro. E no momento a seguir apareceram muitos mais.

O cavalo que primeiro apareceu era preto e trazia uma mulher na garupa. Ela era feita de luz.

Encosta acima, o cavalo fugia. E a mulher, montada nele, fugia também. Pareciam ter pressa de chegar ao pico do Ramelau.

Toda a gente ficou surpreendida. Meninas e meninos, mulheres e homens quiseram agarrá-los, embora encantados de os ver fugir. E gritavam:

— Corramos atrás deles!

— Corramos!

— Depressa, depressa!

Montaram em quantos búfalos puderam chamar e foram atrás do cavalo preto e da mulher de luz encosta acima, floresta fora. Os búfalos corriam quanto podiam, mas não podiam muito, e, aos poucos, a distância dos fugitivos aumentava. Aumentava, aumentava...

Até que num outro momento apareceram mais cavalos e juntaram-se à manada. E corriam mais do que

Kuda ida uluk nalai

os búfalos. Corriam mesmo mais. Então, meninas e meninos, mulheres e homens desmontaram dos búfalos e correram a montar os cavalos.

Oh, mas já era tarde!

A noite veio esconder o cavalo preto e apagar a mulher de luz e não mais os apanharam, nem no dia seguinte, nem no outro, no outro, nunca mais.

Todos exclamavam e perguntavam:

— Que pena!

— Para que sítio terão ido?

A partir daí, os Timores domesticaram o cavalo e começaram a trabalhar com ele e a andar por toda a terra, a ir aos sítios uns dos outros, a levar e a trazer notícias e a fazer amizades.

Iha uain ida, kuda ida mosu iba rai maubere. Kuda nee hae mosu dala uluk. Tuir mai, mosu ua'en liu tan.

Kuda nee, kuda metan ida, tula feto ida iha kakuluk. Feto nee, feto abi roman. Kuda nee nalai, nalai tuir foho lolon. Feto tur metin iha kakuluk, kuda nalai nafatin. Nalai lalais atu too foho Ramelau tutun.

Ema hotu hakfodak: lauarik feto no mane, feto no mane sira rakarak kair kuda no feto nee, maibé sira rakfodak haré kuda nalai nafatin. Sira rakilar:

— Mai ita halai tuir sira!

— Mai halai...

— Lalais, lalais...

Sira sae karau, hodi ralai tuir kuda metan no feto abi roman, tuir foho lolon, too ailaran. Karau ralai neneik, ralai ain todan; kuda metan nalai, soe dook sira, soe dook, dook liu tan.

Afoin, iha oin, mosu tan kuda, ba hamutuk ho karau sira. Kuda sira nee ralai liu karau. Ralai lais duni. Nunee, lauarik feto no mane, feto no mane sira tun hosi karau, hodi sae kuda.

The first horse race

Maibé kleur resik ona!

Kalan mai, heli netik kuda metan, taka feto ahi roman.

Sira la toma iha loron nee, iha loron seluk, loron seluk móis la toma tenik.

Sira hotu rakfodak, rusu ba malu:

— Neon susar!

— Sira ba los nebé?

Nunee, timor oan sira rabu hakiak kuda. Kuda hae tulun timor oan halo nia knar, lori ema ba rai hotu, ba fatin seluk. Tula manu-ain sira lori ksolok ba mai, halo timor oan dame malu.

At a certain moment, a horse appeared in the land of the Mauberes.

It was the first, but it was followed a moment later by many more.

The first horse to appear was black and carried a woman rider. The woman was made of light. The horse and the mounted woman galloped away up the slope. They seemed in a hurry to reach the summit of the Ramelau.

All the people were amazed. Girls and boys, women and men, were both thrilled at the spectacle of their flight and anxious to grab hold of them.

«Let's run after them!», they shouted.

«Yes, let's...»

«Hurry, hurry!»

They mounted as many buffaloes as they could find and set off up the hill through the woods in pursuit of the black horse and the woman of light. The buffaloes went as fast as they could, which was not very fast, and the fugitives got steadily further and further away...

Then suddenly more horses appeared and joined the herd. They ran faster than the buffaloes. Much faster. So the girls and boys, the women and men all got off the buffaloes and ran to mount the horses.

But it was already too late!

Night fell and concealed the black horse and extinguished the woman of light, and they never more caught up with them, neither the following day, nor the next, nor the next.

«What a shame!», they cried.

«Where can they have gone?», they asked.

From that day on, the Timorese domesticated the horse and used it for work and to travel all over their country, visiting each other, bearing news and making friends.



A paz no planalto de Tchiáru

O Liurai de Nári era muito valente. Nesse tempo, nem podia ser-se rei sem ser-se valente, o que não quer dizer que o de Nári provocasse os povos seus vizinhos e os atacasse. Era teimosia dele darse bem com todos. Apesar de forte. Lembravam-se os que o viram crescer de que, em menino e rapaz, nunca nos jogos e lutas tinha sido vencido, quer estivesse sozinho, quer à frente de um grupo.

— Em paz é que é bom reinar. Pode-se pensar, inventar e trabalhar — completava.

Não é fácil de acreditar-se que um liurai, e, ainda para mais, valente, gostasse da paz. Mas ele mesmo, para com outros reis, primeiro, procurava conversar, combinar e ajustar, e só quando, assim, se tornava impossível o acordo e o desafiavam, pegava em armas e ia para a guerra. Para ganhá-la. Ganhava sempre.

O liurai passeava muito pelas suas terras. Não havia caminho que ele já não tivesse pisado nem pessoa com quem não tivesse conversado. Mesmo as crianças juntavam-se à volta dele para ouvir-lhe a voz. Nem sempre lhe percebiam todas as palavras ou o sentido

completo das suas frases, mas gostavam de ouvi-lo, como se estivessem a ouvir música, e mexiam-se como se bailassem ao som dela, que era, afinal, a sua palavra.

Todos os dias, à hora do maior sol, o liurai saía da sua morada e ia às fontes sagradas. Eram três: Utcharina, Umaunira e Tcheniar. Aí, fazia as suas oferendas e praticava os seus sacrifícios. Era um ritual a que estava obrigado. Seguia por um lado e regressava pelo outro, cobrindo todos os sítios do reino.

Quando alguns no seu povo se desentendiam, chamava-os para se encontrarem no sítio das três fontes sagradas e, aí, à sua vista, combinarem e ajustarem.

Por ser assim, o Liurai de Nári pensava erguer um qualquer sinal na montanha para que todos o vissem durante séculos, sempre, e se lembressem do seu significado, já que ele não ia durar na terra para poder repetir o seu conselho de paz. Quando chegava às fontes sagradas, olhava para o planalto e meditava no projecto da estátua que havia de construir para perpetuar entre o povo o seu voto.

O tempo passava, e a verdade é que não surgia

no pensamento do liurai o modelo de monumento a erguer. Chegou, porém, uma ocasião em que isso aconteceu.

O caso foi que da floresta soltaram-se, de repente, sons gritantes, mistura de grunhidos e latidos, e apareceram, em luta feroz, um porco e um cão enormes, num rodopio louco que não ditava vencedor nem vencido. Então, ao liurai surge, uma vez mais, a ideia do sinal na montanha. Aponta para lá. O cão e o porco soltam-se do rodopio e correm para o planalto, até ao cimo de tudo. Ora um, ora outro, troca-se o perseguidor. Quando lá chegam, continuam na luta. Não se sabe de que lado está a razão. Ouve-se um estrondo, vê-se fogo, e solta-se uma nuvem de fumo que, depois, aos poucos, desaparece. E quando os olhos de todos podem, enfim, poifar lá no alto, vêm, transformados em dois pendentes, o cão e o porco.

Essas esculturas ainda estão no planalto de Tchiáru. Parece dizerem:

— Que haja paz!

Dame iha fohotetuk Tchiaru

Liurai Nari, datoasuua'in ida. Hori uluk, ema barani deit hae bele ukun nuu liurai. Maibé Liurai Nari la naloaat ba reinu besik nia. Nia barani, maibé laran luan ba ema hotu. Ema hotu hatene katak, molok sei kiik eh sei klosan, halimar eh taru, ema ida ladauk manan nia.

— *Ukun ho dame hae be diak. Nunee, bele haninu, hakarak, bele móshaknar.*

Ita la dun fiar katak liurai ida, nebé dehan barani, nakarak moris ho damen. Ho liurai seluk, Liurai Nari buka hateten, tetu lia, afoin, uain'hira lia la tahan eh lia sokar malu, hae kaer kilat atu funu malu. Buka deit manan. Manan nafatin.

Liurai la'o hakman iha nia rain. La iha dalan nebénia la soe ain, la iha ema nebé ladauk hasae lia ba liurai. Lauarik sira tur hadulas atu rona nia lian. Sira la rona móshian no lialakun, maibé sira rakarak rona nia lian, hanesan ema rona knananuk. Sira liku-an nuu ema dahur, dahur tuir nia liafuan.

Lor-loron, too ona loro as, liurai nusik nia kadunan, bodi ba ue matan lulik. Ue lulik tolu : Utcharina,

Umaunira no Tcheniar. Iha nebā, namulak ba lulik si-ra. Liurai la naluha halo ukur nee. Tama hosi fatin ida, sai hosi seluk, hodi busu ba nia emar hotu.

Uain'hira ema ruma, iha reinu, hirus karik malu, nia bolu sira atu hetan malu, iha ue matan lulik tolu nee; hamutuk koalia hodi tesi lia.

Nunee, Liurai Nari nanoin hari ilas ida, iha fohotutun, atu ema bele haré, haré hodi hanoin, tan loron ida nia sei mate. Uain'hira ema too ba ue matan lulik nee, rare, rare ba fohotutun, ranoin diak nebé ilas nee nakarak kanorin ba reinu hotu.

Uain nee ba dadaun, maibé liurai la natudu ilas nebé atu foti. Loron ida, nia tau liman ba knar.

Tek-tekir, lian ida mai hosi ailaran, fahi nakué, asu nari, lés malu makaas; mosu mai fahi ida no asu boot ida, liku malu ba mai, maibé ida la manan.

Dala ida tan, liurai nanoin kona ba ilas iha fohotutun. Laku liman ba fohotutun. Asu no fahi rusik malu, ralai, ralai ba fohotutun. Ralai soe malu, dala ida ida hae uluk, tuir mai ida seluk. Too tiha fohotutun, lés malu nafatin. La hatene se hae lós. Buat ida tarutu, abi ida

mosu, abi suar taka mai, too lakon deit. Uain'hira fohotutun mós ona, ema bele haré asu no fahi nakfila ba fatuk. Ilas rua nee, bele hetan iha fohotetuk Tchiaru. Hanesan rakarak hateten:

— *Hela ho damen!*



Peace on the Tchiáru plateau

The Liurai of Nári was very brave. In those days you couldn't be king without being brave ; but this did not mean that the King of Nári either attacked or provoked his neighbours. He made a point of getting on well with everyone, although he was strong. Those who had watched him grow up recalled that as a child and a youth he had never been beaten in fights or games, whether he was alone or the leader of a group.

«It's good to reign in peace,» he said. «Then you are free to think, to invent and to work.»

It is hard to believe that a Liurai, and a brave one at that, should be so fond of peace. But the Liurai of Nári would first try to talk and reach agreement with other kings ; and only when reconciliation proved impossible would he take up arms and go to war. He went to war to win, and he always won.

The Liurai travelled much throughout his land. There was not a single path which he had not trodden, nor a single person with whom he had not spoken. Even the children would gather round him to listen to his voice. They did not always understand all his words, or the mean-

ing of his sentences, but they loved to listen to him, as if his voice were music to their ears, and they would move as if dancing to the sound of what was, in fact his words.

Every day, when the sun was at its hottest, the Liurai would leave his home and make for the holy springs. There were three of these: Utcharina, Umaunira and Tcheniar. There he would make his offerings and his sacrifices, which was a ritual he was obliged to perform. He would go by one route and return by another, thus traversing his entire kingdom.

When any of his subjects quarreled, he would summon them to meet at the three holy springs, to settle their differences in his presence.

The Liurai of Nári thought of erecting a monument of some kind on the mountain, so that when he was gone and could no longer preach peace among his people, they would look upon it for centuries to come and be reminded of its meaning. When he reached the holy springs, he looked up at the plateau and meditated on his plans for the statue he would build to keep his wishes alive.

Time passed, and the Liurai could not make up his mind about the design of his monument. But then one day a loud noise suddenly broke out in the woods, a mixture of grunting and yelping, and there appeared two huge animals, a pig and a dog, gyrating wildly in a ferocious contest from which none could tell who would emerge the victor. The Liurai remembered once again his idea for a monument on the mountain and pointed up the slope. The dog and the pig tore away from each other and ran, alternately chasing each other, up to the highest point of the plateau. Once there, they continued their fight. It was impossible to tell which one of them was right. Suddenly there was a roar, a flash of fire and a cloud of smoke. And when the smoke had gradually cleared away, there, turned into two rocky outcrops, were the dog and the pig.

These two sculptures still stand on the Tchiáru plateau. They seem to say:

— Be in peace!

O Gigante de Manufahi

Na planície de Quirás, de cada vez que a terra faz mil anos, o chão estremece e altera o seu relevo, como se quisesse romper-se por aqui e por ali. E está assim até à primeira noite de lua cheia. Nessa noite, tudo é tão claro que nada pode ficar escondido, e as florestas, mesmo as mais espessas, deixam passar tantos fios de luz que se vê dentro delas. Há claridade tal que nada pode esconder-se, nem mesmo os segredos e os mistérios. É exactamente nessa noite de mil em mil anos que surge uma mulher, perfumada de sândalo, frágil e suave. Empunha uma enorme catana, e maneja-a como se tivesse na mão uma flor, embora toda ela seja doce e magoada. Chama:

— Beileira! Beileira!

O chão, à medida que a Mulher se aproxima da planície, vinda não se sabe de onde, aumenta os seus estremeções, como se estivesse coberto por um enorme pano. As aves acordam para cantar e voar em espiral sobre a cabeça dela, sem lhe tocarem. Ela, então, percorre a planície e marca sete sítios. As aves, lá em cima, acompanham-na e embebem de música o luar. A lua

torna-se transparente e é possível vê-la por dentro e do outro lado. Mas só as aves a podem ver, porque todas as pessoas e os outros animais, sempre que de mil em mil anos esta mulher vem à planície de Quirás, dormem profundamente. Ninguém a viu ainda, mas há muitas noivas que a têm adivinhado em sonhos, e contam os sonhos. E suspiram:

— Beileira...
— Beileira...

Então, e exactamente quando a lua atinge o máximo da sua claridade, ela volta aos sete sítios que primeiro marcou e, com a catana, rasga o chão, de cada vez de um golpe só, mas golpe fundo e de muitos metros de comprimento. Depois dos sete golpes, a lua desce, um instante apenas, para levar a catana. O chão sossega. As aves regressam aos seus ninhos ou pôneiros. A música fica dentro dela. O silêncio é total. Depois, um grito estranho, comprido, como o de uma mulher a parir, parte o silêncio em sete partes, e irrompem dos sete rasgões da terra, sete pedaços de corpo, descomunais, e que imediatamente se ligam e

movimentam e vivem. São os pedaços do corpo do Gigante Beileira.

Diz-se que Beileira tinha por noiva uma formosa mulher. Amavam-se muito. Dormiam ao ar livre, num campo de Quirás, por causa do tamanho dele. Uma noite, estava o gigante já deitado, preparava-se a mulher para deitar-se também, quando viu que ele e uma grande jibóia, muito encostados, dormiam em sono profundo...

Por momentos, ficou presa, de olhos na jibóia, enfeitiçada. Mas quebrou o feitiço. Nunca nenhuma mulher o conseguira antes. E, vigorosamente, pegou na pesada catana do gigante seu noivo e vibrou golpes sobre golpes até matar a jibóia. E chamou:

— Beileira, Beileira!

Quando, porém, esperava que o noivo se erguesse, liberto, viu que ele também tinha recebido alguns dos golpes, e que não podia salvar-se.

Tão grande era Beileira, que, para ser enterrado, teve de ser cortado em sete partes.

A noiva nunca acreditou em que ia perder o seu

*amado. E de mil em mil anos, em noite de lua cheia,
vem à planície de Quirás ressuscitar o namorado.*

— Beileira, Beileira...

*Beileira ergue-se, e a terra dos mauberes enche-se
de amor.*



Rainain Manufahi

Iha tetuk Kirás, uai-uain Rai nalo tinan rihun ida, rai nakdoko, rai fila-an, atu nakferak iha nee eh iha nebá. Nakdoko nunee too fulan tomak mosu mai. Iha kalan nee, buat hotu naroman, buat ida la subar; ailaran, laran tuan, mós naroman, ita bele haré.

Naroman leno ailaran, natudu buat hotu, buat ida la sumik, rainain mós la subar. Iha kalan nee duni, mosu feto ida, morin be morin, kmook teb-tebes... Kair surik ida iha liman, laku ba mai hanesan aifunan; feto nee kmook, maibé neon be susar. Nunee, feto bolu:

— Beileira, Beileira...

Uain'hira feto nee besik ba kles, la hatene hosi nebé, rai nakdoko liu tan, hanesan falu-an ba hena. Manufuik rananu, semo badulas nia ulun, maibé la besik. La'o lemo tetuk laran, nodi turi fatin hitu. Hosi leten, manu semo tuir nia hodi hananu. Fulan naroman, ita bele haré hosi sorin ba sorin. Maibé manu deit hae bele haré, tan ema, balada oan sira toba dukur hotu, uain'hira feto nee mosu mai, iha tetuk Kirás. Ema ladauk raré nia, maibé fetorá ua'en mehi ona ho nia, nuu sira raktuir. Sira rakbadan:

— Beileira...
— Beileira...

Uain'hira fulan fabe rua, feto nee fila hikas ba fatin hitu nee, fera rai hodi surik; taa dala ida deit, maibé taa klean, taa naruk tebes. Rai nakmatek. Manu fila ba knuk eh ba ranarik. Knananuk monu los ba laran. Rai hotu nakmatek los. Afoin, lian ida hanesan feto atu tur ahi, mai hosi hakmatek, fera fatin hitu, isin hitu. Isin hitu nee kair malu, book-an, rahu moris. Fatin hitu nee rainain Beileira nia isilonon. Ema raktuir katak Beileira nakfoli fetorá ida kmook tebes. Sira rado-mi malu. Toba deit iha aihun, iha rai Kirás, tan Beileira isin boot tebes. Kalan ida, Beileira toba helu, nia feen foin atu ba toba, uain'hira naré nia ho labak ida, toba hadulur, toba dukur los...

Feto nee fihir ba labak, fihir matan muron. Abu raten liu tiha, feto nee kair Rainain nia surik, taa, taa too kole, hodi obo labak nee. Afoin hakmalar:

— Beileira, Beileira!...

Nein Beileira atu nader, maibé fetorá naré Rainain mos kanek, kanek todan besik atu mate.

Beileira boot teb-tebes. Atu bele hakoi nia, tesi tiba ba hitu. Feto nee la nanoin atu lakon nia doben. Iha tinan rihun ba ribun, iha kalan fulan tomak, fetorá ba tetuk Kirás, nu is, nalo moris hikas nia doben.

— Beileira, Beileira!...

Beileira nader, rai Timor maubere moris ho domin.

The giant of Manufahi

On the Quirás plain, once every thousand years, the earth trembles and heaves, as if trying to break open. And so it goes on until the first night of the full moon. This night is so bright that everything is visible and you can see into the darkest forests. There is so much light that no secrets or mysteries can remain concealed. It is precisely on this night, once every thousand years, that a woman appears, slight and graceful and perfumed with sandal-wood. Gentle and woebegone though she is, she holds an enormous sword as if it were a flower.

And she calls out: «Beileira, Beileira!».

As the woman appears from nowhere and makes her way towards the plain, the trembling of the earth increases as if it were covered with an enormous cloth. The birds awaken and sing and fly in circles above her head, without ever touching her. She crosses the plain and marks seven spots, while the birds accompany her and fill the moonlight with their music. The moon becomes transparent and visible through to the other side. But only the birds can see this, because when the

woman comes to the Quirás plain once every thousand years, all other mortals and creatures are fast asleep. No one has yet seen her, but there are many brides who have beheld her in their dreams, and who thus relate what they have seen: «Beileira, Beileira!».

Then, when the moon is at its brightest, she returns to each of the seven spots she has marked and cleaves the ground with the sword — a single cut but deep and many yards long. When she has made the seven cuts, the moon descends for an instant and takes away the sword. The earth becomes still. The birds return to their nests and perches. The music ceases. The silence is complete. Then a strange, drawn-out cry, like that of a woman giving birth, pierces the silence, and from the seven cuts in the earth there burst seven huge pieces of a body, which straightaway join together and move and come to life. They are the body of the giant Beileira.

Legend has it that Beileira had a beautiful bride. Because of his tremendous size, they slept in the open air, in a field in Quirás. One night, when the giant was

already stretched out and the woman was preparing to join him, she saw that he was lying very close to a great boa constrictor, and that both were fast asleep...

For a moment she stood transfixed, staring at the snake, bewitched. But she broke the spell, which no woman had ever succeeded in doing. And she seized her lover's heavy sword and rained blow after blow on the snake until it was dead. And she cried out: «Beileira! Beileira!».

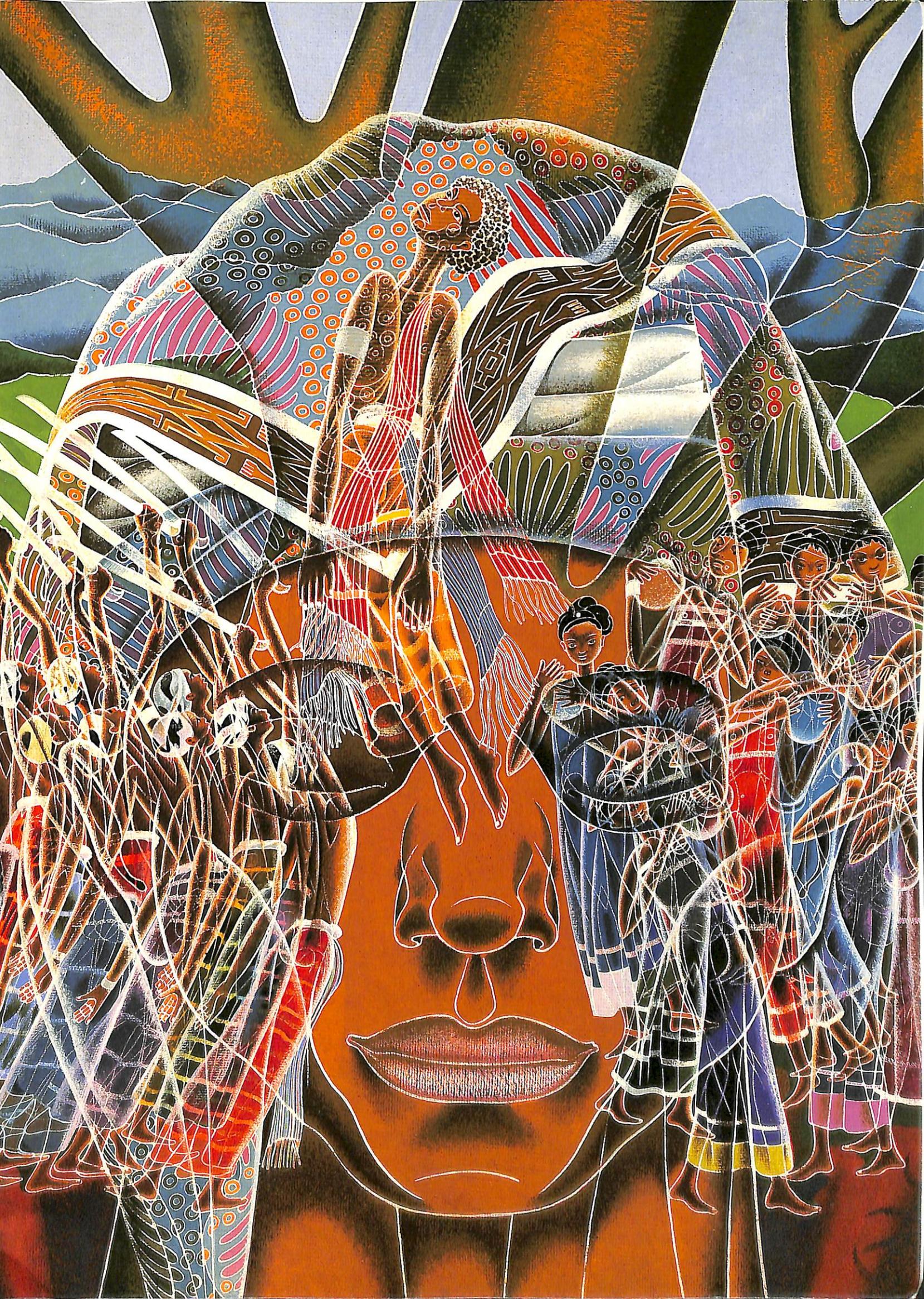
But when the lover she had freed failed to arise, she saw that he too had been wounded by the sword, and that he was now beyond help.

Beileira was so big that he had to be buried in seven pieces.

His bride could never accept the loss of her lover. And so, every thousand years, on a night when the moon is full, she returns to the Quirás plain to resuscitate her beloved.

«Beileira! Beileira!».

And Beileira arises from the dead and the land of the Mauberes is filled with love.



O cântico ao guerreiro caído

Em tempos, em tempos, era uso de guerra, entre os mauberes, cortar a cabeça ao adversário caído. Mas não se julgue que o gesto se fazia, depois da vitória, aos adversários vivos.

Divididos em muitos reinos, fase que durou séculos, as guerras eram só entre eles. E quando um guerreiro tombava e ficava à mão do adversário, praticava-se a cerimónia de se lhe cortar a cabeça.

Cortar a cabeça ao corpo morto.

Os mauberes nunca foram caçadores de cabeças.

A prática de cortar a cabeça não era, nunca o foi, um gesto de vitória depois de rendição ou armistício. Tinha um bem mais alto significado. Era um acto de fundo religioso, e que ia sendo praticado à medida que se tinha um adversário morto.

A explicação, é que os mauberes, então, acreditavam que era na cabeça que habitava a alma, e só aí — acreditavam que, se a cabeça ficasse agarrada ao corpo, a alma ficaria abandonada para todo o sempre.

Cortar a cabeça era, assim, um sinal de amor, de respeito e de fé.

A cerimónia obedecia a um gesto altaneiro. O guerreiro perfilava-se, e, depois, abria as pernas e levantava o mais que podia a mão que empunhava a catana. Segurava a cabeça, para ela não vir a rolar pelo chão e sujar-se. E de um golpe só, vigoroso, separava-a do corpo. Ele próprio a limpava e a punha, de cara voltada para o sol, a defumar.

Cânticos e danças enalteciam a cerimónia.

Depois do acordo de paz, as partes beligerantes entregavam as cabeças aos liurais a quem pertenciam os respectivos guerreiros, acto acompanhado de cerimónia imponente não relacionada com vencedor e vencido.

Pretendia-se, era essa a crença, ganhar para os guerreiros mortos o descanso eterno.

Invectivava-se, rapidamente, cada guerreiro caído, e, com profunda devocão, rezava-se:

— Descansa em paz!

— Descansa em paz!

Um coro electrizado repetia, para o voto ser ouvido em todas as outras ilhas:

— Descansa em paz!

— Descansa em paz!

Knananuk ba fununain mate

*Hori uluk, tuir lisan funu, maubere sira tesí ulun
ba funu maluk nebé mate. Lisan nee la ralo ba funu
maluk nebé sei moris.*

*Rai Timor iha reinu ua'en, maibé too ohin loron
sira ladauk funu ho ema seluk, sira funu deit ba malu.
Uain'hira funu maluk ruma mate, sira seluk ralo ukur
hodi tesí mate nia ulun.*

*Tesi mate nia ulun la'os atu ratudu aten boot ba
sira nebé ba fo-an eh moris iha dame. Ukur nee hanorin
lia ida diak liu: ukur nee, tuir fiar, sira ralo beibeik
uain'hira funu maluk mate.*

*Maubere sira fiar katak klamar nela iha ulun; tan
nee ulun nela nafatin iha isin karik, hatudu katak ita
heuuai klamar nee.*

*Ukur tesí ulun, hanorin ita nia domin, ita nia fiar.
Ukur nee tuir lala'ok ida. Fununain ida namrik,
loke ain, kair surik, foti liman ba as. Foti mate nia
ulun, atu keta monu ba rai hodi bele foer. Afoin taa
makaas, tesí kakorok. Fununain nee rasik namós tiha
ulun, latan ba ai, see oin ba loro ahimatan.*

Ema seluk raliban, tebe hodi bahi ukur nee.

The song of the fallen warrior

Dame tiba malu, fununain ida-idak lori mate ulun ba nia liurai; ukur nee la batudu katak ida hae manan he seluk hae lakon.

Rakarak deit, tuir sira nia fiar, fo kman no diak ba funu maluk.

Hase'i tiba fununain maluk mate nee, ema hotu ramulak ho laran:

— Rabun diak ba klamar!

— Rabun diak ba klamar!

Ema lubun ida rananu, rananu halo lian ta'a an hodi rona hosi tasi mane too tasi feto, hosi rai ulun too rai ikun:

— Rabun diak ba klamar!

— Rabun diak ba klamar!

Long, long ago, it was the custom of the Mauberes to cut off the heads of their fallen adversaries; but let it not be imagined that, when they were victorious, the same fate befell those who remained alive.

For centuries wars were waged exclusively between the many kingdoms into which the land of the Mauberes was divided. And whenever a warrior fell within reach of his adversary, there followed the ceremony of the severing of the head.

The severing of the head of a dead body.

For the Mauberes have never been head-hunters.

The practice of cutting off the head was never a mere celebration of victory following surrender or armistice. It had a far deeper meaning. It was a religious act which was performed whenever there was a dead adversary.

The explanation is that in those days the Mauberes believed that the head was the resting-place of the soul. They believed that if the head remained attached to the body, the soul would be abandoned for ever.

The severing of the head was therefore an act of love, respect and faith.

The ceremony was carried out with pompous ritual. The warrior stood erect, legs apart, and raised his sword as high as he could. Next, securing the head so that it would not roll in the dust, he severed it from the body with a single, powerful thrust of his sword. Then he cleaned it and placed it above a smoking fire, facing the sun.

The ceremony was enriched with chants and dancing.

When the peace agreement was reached, the warring parties would hand over the heads to the Liurai to whom the warriors belonged. This act was performed with considerable pomp, and had little to do with the status of victor and vanquished. It was rather believed that in this way the dead warrior would be granted eternal peace.

The name of the dead warrior was evoked, and solemn prayers were intoned:

«Rest in peace.»

«Rest in peace.»

A frenzied chorus repeated the prayer, so that it might be heard on all the other islands:

«Rest in peace.»

«Rest in peace.»

A voz do Liurai de Ossu

No princípio do século, o Liurai de Ossu entregou ao ocupante uma arma tida como relíquia maubere e acompanhou a entrega com a afirmação de que ele não mais voltaria a fazer a guerra.

Desde sempre, as florestas mauberes têm sido templos sagrados e lugares de segredos. E, pelo menos há quinhentos anos, pessoas estranhas de várias nações entram e atravessam esses sítios sem serem capazes de entendê-los. Quer espreitando, quer escutando, o que fica por ver e por ouvir é sempre mais do que o necessário para já não se compreender a vida interior e os propósitos dos mauberes. É que é preciso ver mais para lá e, também, ouvir mais para lá. E avaliar, sobretudo avaliar, a luz das vozes.

Mil segredos e projectos mauberes estão guardados por famílias, sacerdotes, liurais e outros chefes desde há séculos, para somente serem revelados quando tiverem de o ser. Todos os mauberes sabem disto — e muitos, até, o têm dito ao longo dos tempos. Porém, ninguém, estrangeiro, foi ainda capaz de penetrar na história maubere até ao fundo dos fundos.

É por isso que quase tudo dos mauberes ainda está por dizer, é por isso que o verdadeiro sentido de muitos e muitos factos, mesmo dos revelados diante do testemunho do povo, ainda está por explicar completamente.

Como aquele gesto do Liurai de Ossu...

Há uns setenta anos, o liurai decidiu oferecer ao ocupante uma espingarda tida como reliquia maubere. Depois de todas as cerimónias do estilo, o Liurai de Ossu, rodeado de chefes e sacerdotes, autorizou que trouxessem, da floresta sagrada onde já estava há um tempo imenso, essa arma — uma comprida espingarda de um cano e para aí de dois metros e meio de comprimento. O acto parecia de homenagem ao ocupante e as palavras, então por ele ditas, de inconsciente humildade:

- Nós já não precisamos de armas.
 - Porquê? — perguntou o ocupante.
 - Porque nunca mais faremos a guerra!
- Os Sacerdotes e os Chefes repetiram:

— Não precisamos de armas, porque nunca mais faremos a guerra!

Outros liurais, chefes e sacerdotes, por certo disseram o mesmo:

— Já não precisamos de armas, porque nunca mais faremos a guerra.

Mas palavras destas sempre foram ditas fora da floresta. Dentro dela, nunca! Porque na floresta somente se rezava liberdade:

Ainda hoje, meninas e meninos, mulheres e homens rezam lá liberdade.

E há quem diga ainda ouvir, a roçar pelas árvores, a voz do Liurai de Ossu a rezar liberdade.

Liurai Ossu nia lian

Hori tinan atus nee foin bahu, Liurai Ossu nassae surik ida ba ema solen, surik murak ida, hodi nametin lia, katak lakohi funu tan.

Ailaran tuan ba maubere sira, hanesan uma lulik eh fatin liabelik.

Liu tinan atus lima, ema ua'en, ema mai hosi rai seluk, liu ona hosi fatin nee, maibé la too ratene. Rani-nu ba mai, rona ba mai, maibé buat ua'en la raré, ua'en la rona, atu bele hatene maubere nia moris eh nia hakarak.

Bele buka haré liu, rona liu. Bele buka tetu, buka tetu liu lian naroman. Maubere nia hanoin eh liabelik bele hetan iha uma laran, iha lulik sira eh iha liurai no ukun sira liman, maibé bele dehan deit, uain'hira too loron.

Maubere hotu hatene hahalok nee — ema ua'en haktuir lia hirak nee. Maibé, too ohin loron, ema solen ladauk natene lolós knanoik maubere siran. Tan nee, ladauk naktuir lós maubere nia hahalok, sasan eh hahalok ua'en ladauk naktuir lós; lia ua'en naktuir ona, maibé, ladauk nanorin lolós.

Nee, Liurai Ossu nia lala'ok. Liu tinan hitunulu, Liurai nasae ba ema solen nee kilat ida, nebé maubere oan sira rola nuudar murak. Liu tiha ukur maubere, hamutuk ho ukun no lulik sira, Liurai Ossu naruka lori, bosi ailaran lulik, kilat ida — kilat ida ho lolon naruk, naruk too hakat rua ho balu.

Ukur nee nalo atu hanri ema solen nee, liafuan nebe liurai nateten, nateten ho neon kraik.

— Ami la kuran ona kilat.

— Tan sa? - hakbadan ema solen.

— Tan ami lakohi ona funu.

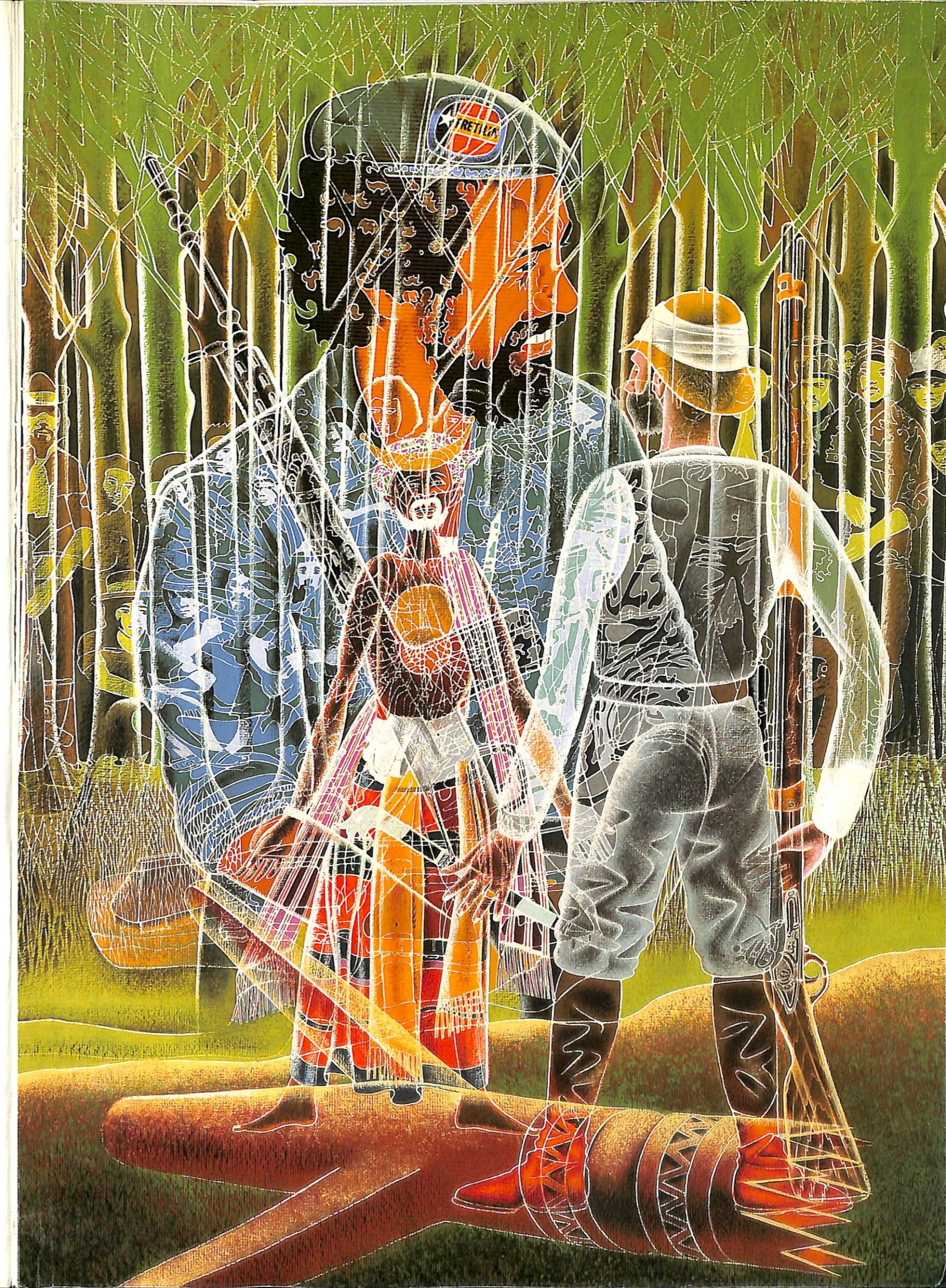
Lulik no ukun nain sira dehan tuir:

— Ami la kuran ona kilat, tan ami lakohi ona funu!

Liurai seluk, ukun no lulik nain seluk dehan mos lia ida deit:

— Ami la kuran ona kilat, tan ami lakohi ona funu.

Liafuan hirak nee la rona tuir, iha ailaran tuan. Iha fatin nee la rona. Tan iha ailaran tuan, buat hotu rananu deit kore-an.



*Ohin loron, lauarik feto no mane, feto no mane
klosan, rananu nafatin kore-an.*

*Ema ua'en sei raktuir ohin, katak sira sei rona,
Liurai Ossu nia lian nala'o iha ai tuan laran.*

The voice of the Liurai of Ossu

At the beginning of the century, the Liurai of Ossu presented the invader with a weapon venerated by the Mauberes and, as he did so, declared that he would never again go to war.

The forests of the Mauberes have always been sacred temples and repositories of secrets. For at least five hundred years foreigners from many countries have traversed these places without ever understanding them. For however much they have seen or heard, it is never sufficient for them to gain an insight into the inner life and customs of the Mauberes. They would have to be able to see and to hear far more, and above all to understand the light of the voices.

A thousand Maubere secrets and plans have been guarded for centuries by families, priests, liurais and other chiefs, only to be revealed in time of need. All the Mauberes know of these things, and have even recounted them down the ages; but no foreigner has ever been able to penetrate to the depths of Maubere history.

This is why almost nothing is known of the

Mauberes, and why the true significance of many, many secrets, even those revealed by the people, has still not been fully explained.

Like that gesture made by the Liurai of Ossu.

Some seventy years ago, the Liurai decided to present the invader with a rifle venerated by the Mauberes. After all the customary rituals, the Liurai of Ossu, surrounded by his chiefs and priests, requested that the said weapon be brought from the sacred forest where it had been kept for many years — a single-barrel rifle over two and a half metres long. His act appeared to be one of homage to the invader, and his words those prompted by genuine humility:

«We no longer need arms.»

«Why not?», replied the invader.

«Because we shall never again go to war.»

This was taken up by the priests and chiefs:

«We no longer need arms because we shall never again go to war.»

Other liurais, chiefs and priests assuredly echoed the sentiment:

«We no longer need arms because we shall never again go to war.»

But words of this nature were always uttered outside the forest, never within it. For inside the forest the people only sang of freedom.

Even today, girls and boys, men and women, sing of freedom in the forest.

And there are those who claim that they can still hear, amid the rustling of the trees, the Liurai of Ossu singing his song of freedom.

Índice/Hatudun/Contents

Porta de um Templo Animista (Desenho a Nanquim) Odamatán Uma Lulik nian (Taturi hodi Nanquim) Door of an Animist Temple (Drawing with Nanquim ink)	3
Apresentação Hata dan Introduction	5 7 9
Contando histórias (Desenho a Nanquim) Naktuir aiknanoik (Taturi hodi Nanquim) Telling stories (Drawing with Nanquim ink)	13
O crocodilo que se fez Timor Ilustração / Futar / Picture Lafaek nakfilak Rai Timor The crocodile that became Timor	15 17 23 29
Ilustração / Futar / Picture A saída do paraíso Husik rai lalehan The way out of paradise	35 37 41 43
A corrida do primeiro cavalo Kuda ida uluk nalai The first horse race Ilustração / Futar / Picture	47 49 51 53
A paz no planalto de Tchiáru Dame iha fohotetuk Tchiaru Ilustração / Futar / Picture Peace on the Tchiáru plateau	55 59 63 65
O gigante de Manufahi Ilustração / Futar / Picture Rainain Manufahi The giant of Manufahi	69 73 75 79
Ilustração / Futar / Picture O cântico ao guerreiro caído Knananuk ba fununain mate The song of the fallen warrior	83 85 89 91
A voz do Liurai de Ossu Liurai Ossu nia lian Ilustração / Futar / Picture The voice of the Liurai of Ossu	95 99 101 105

FICHA TÉCNICA

Título:
Cantolenda Maubere
Hananuknanoik Maubere
The legends of the Mauberes

Autor:
Fernando Sylvan

Tradução para Tétum:
Luis da Costa

Tradução para Inglês:
Departamento de Projectos da FABC

Pinturas, desenhos, arranjo gráfico e controlo de execução:
António P. Domingues

Secretariado e revisão de provas nas três línguas:
Departamento de Projectos da FABC

© Fundação Austronésia Borja da Costa

Direitos de reprodução dos 2 desenhos e das 7 pinturas para as ilustrações,
propriedade dos fotolitos dos textos
e selecção de cores de todas as imagens:
© Fundação Austronésia Borja da Costa

Originais dos 2 desenhos: formato da mancha: (40 x 28 cms.)
Originais das 7 pinturas: formato da mancha: (50 x 70 cms.)
Colecção particular do Autor

Características:
Formato: 21 x 29,7 cms.
Capa: Cartolina Cromocard 300 gr m².
Papel IOR de 125 gr. m² e
Papel Renovacote de 140 gr. m².

Impressão a 4 cores para as pinturas e a Capa e 1 cor para o texto.

Tiragem: 1000 exemplares

Execução gráfica:
TRAMA - Artes Gráficas

Dep. legal 15757/87

5 - 7 de Dezembro de 1988 • Lisboa • Portugal



Rua Caetano Alberto, 19/1000 Lisboa · Portugal